

**Ricardo Rato Rodrigues, *A slow scream, trauma and madness in the biographical early works of António Lobo Antunes*. Lublin: Maria Curie-Skłodowska University Press 2023. 280 p.**

Podemos chamar a António Lobo Antunes o patriarca da literatura portuguesa. A sua obra literária começou há pouco menos de 50 anos e, ao longo deste já quase meio século, o autor manteve-se extremamente prolífico, tendo publicado dezenas de livros, 32 dos quais são romances. Na sua escrita, António Lobo Antunes aborda os temas mais importantes para a sociedade portuguesa, oscilando constantemente em torno das questões da herança da ditadura nacional-católica salazarista, da guerra colonial e da evolução das relações sociais no Portugal contemporâneo. António Lobo Antunes é, desde há muitos anos, um férreo candidato ao Prémio Nobel da Literatura. Não há dúvida de que este autor continua a ser um gigante da literatura do século XX, não só da literatura portuguesa, mas também da Europa, ou até da literatura mundial.

A vida de António Lobo Antunes foi tão rica que poderia servir para dividi-la com várias pessoas. Oriundo de uma família abastada e influente de Benfica, em Lisboa, após concluir os estudos de medicina foi recrutado para o exército e como médico militar foi enviado para a linha da frente da guerra colonial em Angola. No total, esteve quatro anos em África. Durante a estadia de António Lobo Antunes no Continente Negro, nasceram-lhe duas filhas (casou pouco antes da sua partida). Infelizmente, o resultado da guerra e da separação foi o divórcio, que ocorreu pouco depois do seu regresso a Lisboa após a guerra. O autor, marcado pelas suas experiências de guerra, decidiu alargar os seus conhecimentos em psiquiatria e especializou-se nesta área do saber médico. Na sua prática médica, ocupou-se sobretudo das questões e problemas do trauma pós-guerra.

Como escritor, António Lobo Antunes (2004) estreou-se em 1979 com o romance *Memória de Elefante*, que é um romance semiautobiográfico, um monólogo interno que retrata um médico psiquiatra à beira de uma crise existencial e de um esgotamento nervoso, retratando também o seu trauma do pós-guerra que resultou no divórcio. O livro seguinte foi um romance com o título polémico *Os Cus de Judas*, também publicado em 1979, igualmente muito autobiográfico, contando as experiências do autor durante a guerra em Angola, o seu trauma e amadurecimento político (Lobo Antunes, 2010b). O terceiro romance é *Conhecimento do Inferno*, de 1980, um registo das

angústias e ansiedades de um jovem psiquiatra (Lobo Antunes, 2010a), com questões que se relacionam com o anterior romance *Memória de Elefante*.

E são estes três romances que Ricardo Rato Rodrigues escolheu para analisar no seu livro, considerando-os como um todo, como uma trilogia formativa de António Lobo Antunes, o que, a meu ver, merece atenção e considero uma boa escolha. A par destas, o autor selecionou ainda um conjunto de crónicas e cartas como suporte para destes romances e ilustrar a análise feita (p. 11).

Segundo o autor, os romances de estreia selecionados devem ser tratados como uma unidade – inicialmente, foram por vezes tratados por alguns críticos como uma trilogia, para depois se tornarem essencialmente o início de um ciclo maior (p. 11). Tal pode ser argumentado, uma vez que neles se encontram os problemas, temas e ideias fundamentais desenvolvidos nos textos posteriores de António Lobo Antunes (p. 11).

O livro divide-se em duas partes principais. A primeira parte, composta por três capítulos, aborda a tripla vida do autor, como escritor, militar e psiquiatra, situando António Lobo Antunes no contexto histórico e social do seu tempo. Para traçar esta paisagem, o autor recorreu não só a uma extensa bibliografia, recorrendo sobretudo à obra de Maria Alzira Seixo, a mais eminente e inestimável especialista na escrita de António Lobo Antunes, principalmente ao *Dicionário da obra de António Lobo Antunes* (2008) e *Os Romances de António Lobo Antunes* (2002) e *As Flores do Inferno e Jardins Suspensos* (2009), mas também recorreu a várias crónicas e cartas de António Lobo Antunes (1998, 2002, 2006) provenientes de três antologias das suas crónicas publicadas pela editora Dom Quixote de Lisboa.

Talvez seja de notar, desde já, que a secção dedicada às crónicas não me convenceu muito. Embora concorde, de um modo geral, com o ponto de vista do autor sobre a utilidade e a necessidade de utilizar as crónicas para analisar a obra de António Lobo Antunes e o seu papel na formação do estado português, no entanto penso que há uma certa confusão de conceitos na secção que lhes é dedicada (p. 53-58), resultante da homonímia de dois tipos de textos literários completamente diferentes: os textos dos cronistas medievais têm geralmente pouco em comum com as crónicas dos contemporâneos impressas em diários ou revistas.

A segunda parte foi dedicada a uma leitura pormenorizada dos romances acima referidos, centrada nas questões do trauma, da loucura e do conflito. A leitura proposta foi efetuada com base em trabalhos teórico-literários de autores que se debruçam sobre a literatura portuguesa, bem como de autores com uma visão mais alargada da literatura e de questões não relacionadas com a literatura. A interdisciplinaridade do trabalho – que é a sua indubitável força – é realçada pelo recurso a teorias não literárias, como os estudos do trauma, as ciências da saúde, da psicologia ou da psiquiatria. Entre os mais relevantes contam-se: Kevin Brown, *Fighting fit: Health, medicine and war in the twentieth century* (2008), Michel Foulcault, *Writing and madness* (2006) e *The birth of the clinic* (2001), Julia Kristeva, *Black sun: Depression and melancholy*

(1989), Roy Porter, *Madness, a brief history* (2002) ou Susan Sontag, *Regarding the pain of others* (2004).

Essencialmente, o principal crítico a que o autor desta publicação se refere é Roland Barthes com o seu conceito de *biografemas*, tal como articulado pelo autor francês no seu livro *La Chambre Claire: Note sur La photographie* (1980). O autor inclui mesmo este termo barthesiano no título da sua dissertação. A sua premissa básica é que o escritor, no processo de escrita, seleciona fragmentos da sua própria biografia que formam uma espécie de imagens, símbolos que podem transportar consigo – e na sua próxima aparição trazê-los, recordá-los ou implicá-los – certos conjuntos de conhecimentos, ou passagens mais longas ou imagens relacionadas com o autor e a sua vida. São portadores dos chamados “infra-savoirs”, evocando sentimentos na linha do fetichismo obsessivo. Estes símbolos ou elementos são aquilo a que Barthes chama *biografemas*.

Segundo o autor, é precisamente este tipo de fetichismo baseado nos *biografemas* que está na base de toda a literatura criada por António Lobo Antunes, sendo que António Lobo Antunes filtra os dados da sua vida, pretendendo escrever uma autobiografia ou um romance autobiográfico, mas na realidade selecionando da sua vida apenas os acontecimentos (*biografemas*) que lhe permitirão atingir o efeito estético, emocional ou intelectual pretendido (p. 41).

Os três romances escolhidos são precisamente romances *biografemáticos*, iniciando um ciclo *biografemático* mais longo, o qual na minha opinião poderia provavelmente incluir todos os seus romances. Na secção sobre António Lobo Antunes como escritor, o autor analisa ainda as influências estilísticas de William Faulkner na sua obra e as de Louise-Ferdinand Céline, autores sem dúvida muito importantes para António Lobo Antunes, e cuja influência António Lobo Antunes repetidamente admitiu em muitas entrevistas.

O segundo capítulo é dedicado à carreira militar de António Lobo Antunes. O autor analisa os elementos biográficos relativos ao escritor, ou melhor, constrói uma biografia do período de serviço militar de António Lobo Antunes, baseando-se sobretudo nas cartas de António Lobo Antunes desse período, cedidas para publicação em décadas posteriores pelas filhas do escritor, Maria José Lobo Antunes e Joana Lobo Antunes, sob o título *António Lobo Antunes: D’este viver aqui neste papel descripto. Cartas da guerra* (2005). Estas cartas – os excertos citados – constituem a base para a análise subsequente do romance *Os Cus de Judas*, porque retratam essencialmente os mesmos acontecimentos que o autor descreveu no romance, mas não filtrados pela estilística do romance, a estilística da ficção de António Lobo Antunes.

Para além das cartas, o autor constrói uma biografia de guerra de António Lobo Antunes a partir de várias das suas crónicas dedicadas ao período da guerra: “Emília uma noites”, “Esta maneira de chorar dentro de uma palavra” e “078902630RH+”.

O terceiro capítulo trata de António Lobo Antunes como psiquiatra. Aqui, o autor obteve informações sobre António Lobo Antunes principalmente a partir de entrevistas realizadas com ele, por exemplo, Maria Luisa Blanco, *Conversas com António*

Lobo Antunes (2002), e publicações históricas sobre a psiquiatria em Portugal – por exemplo, Pierre Pichot & Barahona Fernandes, *Um Século de Psiquiatria em Portugal* (1984). A autora faz também um retrato do estado da psiquiatria em Portugal, com base nos estudos históricos disponíveis, durante o período em que António Lobo Antunes iniciou a sua carreira de psiquiatra, contextualizando assim os seus romances, nomeadamente *Conhecimento do inferno*, mas também *Memória de elefante*. Este capítulo é também dedicado à problemática do trauma, pois, como escreve o autor, estas questões são centrais na obra de António Lobo Antunes (p. 131). Das crónicas de António Lobo Antunes sobre psiquiatria, o autor utiliza duas: “Crónica escrita em voz alta como quem passeia ao acaso” e “A pradaria das caçadas eternas”.

A segunda parte do livro intitula-se “Trauma e Loucura na Trilogia da Aprendizagem”, ligando assim os romances analisados numa trilogia, embora formalmente não se trate de uma trilogia. Na análise dos romances apresentados, o autor considera e expõe elementos biográficos que recorrem ao autor/narrador de forma *biografemática* e obsessiva. A sua identificação não é difícil. Em primeiro lugar, a problemática da loucura e da doença mental, que está presente em toda a prosa de António Lobo Antunes, não só nos seus romances de estreia, os iniciais, nesta suposta “trilogia da aprendizagem”. A loucura, de um modo ou de outro, de uma forma ou de outra, está presente em todas as suas ficções.

Uma variante particular da insanidade é a PSPT, a recorrência obsessiva de traumas de guerra, que o próprio autor experimentou e testemunhou repetidamente durante o seu serviço militar em África. Na altura em que estes primeiros romances foram escritos, a PSPT, enquanto doença que aflige os soldados que regressam da guerra, ainda não tinha sido completamente investigada e definida. Só na década de 1980 é que foi oficialmente incluída na lista de doenças da OMS. No entanto, António Lobo Antunes foi confrontado com inúmeros casos da doença na sua prática hospitalar quotidiana. A presença da PSPT nos seus escritos não é, pois, de estranhar, com particular destaque para estes seus três primeiros romances, escritos numa altura em que as suas experiências de guerra ainda estavam relativamente frescas e o assombravam. É de supor que António Lobo Antunes sofria não só com as suas próprias memórias, mas também com as dos seus pacientes.

Já o seu primeiro romance, *Memória de elefante* – sugestivo, pelo título, da impossibilidade de esquecer – debruça-se sobre a loucura e, em menor grau, sobre a PSPT, na medida em que a personagem principal, um jovem psiquiatra depois de experiências na linha da frente, partilha com os leitores, num extenso fluxo de consciência, a sua angústia, os dilemas existenciais que não consegue abafar em si próprio. Estas reflexões diurnas conduzem-no ao inferno da sua própria cabeça, onde trava uma batalha constante consigo próprio. Não é por acaso que o terceiro romance analisado, também centrado nas questões da saúde mental e no trabalho de um psiquiatra, tem esse título: *Conhecimento do inferno* (p. 156). Neste desvendar do passado, o autor vê influências de Marcel Proust e do seu *Em busca do tempo perdido*, sem deixar de lado

influências talvez menos significativas de, por exemplo, *Através do espelho* de Lewis Carroll, e *Metamorfose* de Franz Kafka, *Um voo sobre o ninho de cucos* de Ken Kesey.

O segundo grande tema, para além da loucura e da PSPT, analisado pelo autor é o das memórias traumáticas, que influenciaram precisamente a PSPT. O autor argumenta que estas constantes revisitações às experiências traumáticas são uma forma de terapia não só para António Lobo Antunes, mas sobretudo para o leitor, que, ao ser forçado a ver as experiências traumáticas de diferentes ângulos e pontos de vista, experimenta empatia e humanidade, que, segundo António Lobo Antunes – como repara o autor – faltam a todos (p. 273).

A dinâmica biográfica observada pelo autor, do cruzamento das três personagens de António Lobo Antunes: escritor, psiquiatra e militar, cria uma nova qualidade – a “excellence” – que torna a escrita de António Lobo Antunes única. Através da sua ficção obsessiva e biográfica, António Lobo Antunes convida o leitor a viajar pelo seu texto, uma viagem infernal – “hellish” – mas gratificante, catártica e edificante (p. 272). Como escreve o autor:

De facto, verificámos a importância da sua obra para o campo do trauma, tanto quando articulada em relação ao coletivo como ao individual, a sua relevância literária na abordagem de alguns dos problemas mais difíceis e urgentes do nosso tempo e a necessidade de suscitar a compreensão e a empatia. No entanto, isto tem um custo. Para atingir a catarse, o autor embarca (e o leitor embarca com ele) numa descida ao conhecimento necessário do inferno. A viagem é feita através da abjeção, da violência, da memória traumática e da loucura, nunca agradável e sempre crucial. (p. 272)

Um tema constantemente recorrente nos romances de António Lobo Antunes é a guerra. Normalmente, porém, a guerra está algures no pano de fundo, é mencionada ou revisitada, mas nunca ganha destaque. Não é o caso do segundo romance de António Lobo Antunes, *Os Cus de Judas*, que o autor decidiu analisar. O autor considera este romance como um passo importante para António Lobo Antunes encontrar a sua voz autoral mais definitiva – “more definitive authorial voice” (p. 194) – e é difícil discordar dele. As experiências traumáticas que estão no cerne da escrita inicial de António Lobo Antunes são apresentadas de forma mais proeminente e direta neste romance. Uma vez que o romance é escrito sob a forma de confidências dirigidas a uma mulher anónima que não fala ao longo do texto, pode ser tratado como mais um fluxo de consciência, como nos seus outros livros do período de formação.

O autor salienta que, nesta obra, o trauma é apresentado no seu contexto social, histórico, político, nacional ou cultural (p. 198). O autor também concentra-se em apresentar o trauma no contexto da vida privada do narrador, invariavelmente impregnada de política e ideologia. As incessantes referências à infância em Benfca e às recordações de tempos menos longínquos, um retrato da família pintado com cores bastante sombrias, são ao mesmo tempo, por assim dizer, uma acusação à família

e à classe social responsável pela ditadura e pela guerra, logo, pelo trauma do escritor/narrador.

Resumindo a sua análise, o autor constata que “[...] o romance mantém-se como um testemunho literário útil e urgente, que estimula a interpelação, o diálogo e a compreensão mais alargada e profunda de realidades traumáticas, independentemente do tempo e do espaço” (p. 232).

António Lobo Antunes é um grande escritor ainda vivo, embora já tenha deixado de escrever por motivos de saúde. A enormidade da sua obra faz com que, qualquer que seja o número de trabalhos sobre ele, nunca será suficiente. O livro de Ricardo Rato Rodrigues é um contributo valioso para a reflexão sobre a obra de António Lobo Antunes, sobretudo sobre o primeiro período, o seu período de formação. A aproximação ao tema do trauma, recentemente em voga nos círculos humanistas, torna este livro ainda mais interessante, não só no contexto da reflexão sobre a obra do próprio António Lobo Antunes, mas também pode ser um ponto de partida para a reflexão sobre a problemática do trauma em Portugal, um ponto de vista para o estudo do trauma neste país, tema ainda muito pouco desenvolvido e, por assim dizer, evitado pelos investigadores, apesar de durante a guerra colonial terem existido pelo menos 13 safras de conscritos sujeitos a stress em consequência da guerra, bem como um número muito elevado de antigos habitantes de colónias. É também importante ter em conta o trauma da emigração forçada dos que fugiam à conscrição e à perseguição da ditadura salazarista, e da pobreza, por motivos económicos – estima-se que cerca de 1,5 milhões de pessoas tenham saído ilegalmente de Portugal durante este período.

A interdisciplinaridade deste livro, uma visão alargada do desenvolvimento da psiquiatria em Portugal, pode interessar a quem está fora do círculo linguístico português. Tanto mais que o pretexto para refletir sobre esta história, entre outros, é a obra de um dos mais importantes – ou pelo menos mais conhecidos – psiquiatras do país, cujas ligações familiares conduzem ao Dr. Magalhães Lemos, o único – para além de José Saramago – Prémio Nobel português distinguido pelos seus feitos neurológicos e psiquiátricos.

*Wojciech Charchalis*

Adam Mickiewicz University, Poznań, Poland

w.char@amu.edu.pl

<https://orcid.org/0000-0003-2874-4872>

# BIBLIOGRAFIA

- Alzira Seixo, M. (2002). *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote.
- Alzira Seixo, M. (2008). *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Alzira Seixo, M. (2009). *As flores do inferno e jardins suspensos*. Lisboa: Dom Quixote.
- Barthes, R. (1980). *La chambre claire: Note sur la photographie*. Paris: Gallimard / Seuil.
- Blanco, M. L. (2002). *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote.
- Brown, K. (2008). *Fighting fit: Health, medicine and war in the twentieth century*. Stroud, Gloucestershire: The History Press.
- Foulcault, M. (2001). *The birth of the clinic*. Londres & Nova York: Routledge.
- Foulcault, M. (2006). *Writing and madness*. Londres & Nova York: Routledge.
- Kristeva, J. (1989). *Black sun: Depression and melancholy*. Nova York: Columbia University Press.
- Lobo Antunes, A. (1998). *Livro de crónicas*. Lisboa: Dom Quixote.
- Lobo Antunes, A. (2002). *Segundo livro de crónicas*. Lisboa: Dom Quixote.
- Lobo Antunes, A. (2004). *Memória de elefante*. Lisboa: Dom Quixote.
- Lobo Antunes, A. (2006). *Terceiro livro de crónicas*. Lisboa: Dom Quixote.
- Lobo Antunes, A. (2010a). *Conhecimento do inferno*. Lisboa: Dom Quixote.
- Lobo Antunes, A. (2010b). *Os cus de judas*. Lisboa: Dom Quixote.
- Lobo Antunes, M. J. & Lobo Antunes, J. (eds.) (2005). *António Lobo Antunes: D'este viver aqui neste papel descripto. Cartas da guerra*. Lisboa: Dom Quixote.
- Pichot, P. & Fernandes, B. (1984). *Um século de psiquiatria em Portugal*. Lisboa: Dom Quixote.
- Porter, R. (2002). *Madness, a brief history*. Oxford: Oxford University Press.
- Sontag, S. (2004). *Regarding the pain of others*. Londres: Penguin Books.